

## Dança. Contemporânea

Em *Vertical Road*, Akram Khan mostra um sabor de globalização

RICHARD HAUGHTON/DIVULGAÇÃO



# UM CERTO

# ORIENTE

\* **Crítica:** Helena Katz

Os truques estão todos lá, competentemente alinhavados em *Vertical Road*: a luz de Jespers Kongshaug, que dramatiza o espaço em contrastes com a sombra; a música meteorológica (cheia de “climas”) do compositor Nitin Sawhney, que trabalha há 16 anos com o grupo; uma cenografia com ‘significado filosófico’; um figurino (Kimie Nakano) com a indispensável referência à ancestralidade trivializada pela publicidade; e, felizmente, bailarinos muito bons.

Foi com *Vertical Road*, estreada em setembro do ano passado, em Leicester, Inglaterra,

que a Akram Khan Company abriu seus quatro dias de apresentação no Teatro Alfa. O segundo programa da curta temporada contém *Gnosis* (2009), um solo do seu coreógrafo e diretor, no qual divide o palco com uma orquestra formada por músicos da Índia, Paquistão, Japão, Oriente Médio e Reino Unido.

Akram Khan, inglês de origem indiana, nasceu em Londres, em 1974, e aprendeu as danças folclóricas bengalesas com sua mãe. Aos 7 anos, ela o levou para o mestre Sri Pratap Prawar, que o transformou em um refinado

intérprete. Estreou seu primeiro solo em 1992, mas foi em 1995, com *Loose in Flight*, filmado quatro anos depois pelo Channel Four, e com *Fix*, que começou a se projetar.

Reconhece que foi Jonathan Burrows – ex-bailarino do Royal Ballet, hoje uma referência mundial como criador e intérprete –, em 1999, que o fez perceber a potência que havia nessa reunião da dança kathak com a dança contemporânea.

Foi essa mistura – que ele gosta de chamar de confusão, e não de fusão – que o consagrou. Ela tem um forte sabor de globaliza-

ção, visível não somente nos elencos que forma (bailarinos e músicos vêm da Ásia, Oriente Médio e Europa), mas está também em seu site, no qual diz que as suas produções “são ambiciosas e dirigidas aos palcos internacionais” ([www.akramkhan-company.net](http://www.akramkhan-company.net)).

O que Akram Khan faz cabe no que Edward Said explicou em 1979, em seu livro *Orientalismo*, traduzido para 36 línguas (para o português em 2003), e considerado o impulso para a bibliografia pós-colonial que o sucedeu: o Oriente do qual falamos por aqui é uma invenção nossa, do Ocidente.

Akram Khan cultiva esse

“orientalismo” com as imagens que produz. Tanto nos trabalhos que cria para outros corpos quanto nos seus solos, nos quais a elegância e precisão do seu treinamento em kathak continua cativando todas as plateias.

*Vertical Road* nos ajuda a entender o seu sucesso. Inspirada no filósofo e poeta persa Rumi (1207-1273) e na tradição sufi, estrutura-se em uma sucessão de imagens didáticas.

Começa com a transformação da sombra em um corpo que atravessa a tela/membrana e, ao final, para fechar o círculo que havia aberto, ao caminhar para trespassá-la novamente, a “dissolve”. O mundo

que a coreografia montou não precisa mais dela.

Salah El Brogy é o demiurgo deste mundo. Rege todos que o habitam, humanos e seus simulacros, as pequenas esculturas que beiram o palco. Conduz os corpos “inanimados” do pó para o movimento que caracteriza a vida. O vocabulário combina diferentes danças na articulação da velocidade com a flexibilidade e os ótimos bailarinos dão conta da tarefa.

O rigor de seu profissionalismo pôde ser testado na noite de estreia em São Paulo, quando um erro na iluminação o fez interromper o espetáculo, desculpar-se com o público, combinar com o elenco e a técnica de onde a obra seria retomada para, então, levar *Vertical Road*, de acordo com sua partitura, até o final.

❖  
CRIADOR SE

APROXIMA DE LIVRO

DE EDWARD SAID,  
ORIENTALISMO